

## EDITORIAL

*Faz muito tempo que nos ocupamos, trabalhamos, refletimos a “questão da terra”. Isto acontece, em grande parte, por causa da situação político-social, da distribuição da terra, de seu uso e do abuso, enfim, por causa da questão agrária. A Pastoral da Terra, o Centro de Apoio a Pequenos Agricultores, e mais recentemente a Agroecologia têm vivido em prol desta questão. Neste processo, a Bíblia e seu estudo têm acompanhado pessoas, grupos e comunidades. Esta caminhada foi e continua sendo necessária na afirmação dos direitos humanos. Ela torna-se, no entanto, cada vez mais urgente na reflexão dos direitos da própria terra! Não apenas a justa distribuição, mas também o descanso da terra precisam ser contemplados e realizados.*

*Faz pouco tempo que enfocamos a água no conjunto das preocupações em relação à finitude dos recursos naturais. A água pode acabar! E o que será da vida sem água? Diante da preocupação com a nossa vida é que a vida da água entra no foco de nossa atenção... Diante do perigo de guerras por causa da água, da realidade de que o Brasil é um dos mais potentes mananciais de água do mundo, confrontados com a exploração e comercialização de água, também em nossas terras, através de empresas nacionais e multinacionais é que somos compelidos a mergulhar nas águas com a história e a Bíblia nas mãos...*

*A perspectiva de nossas abordagens tanto em relação à terra quanto em relação à água, em princípio e geralmente, tem sido extra nos, isto é, vimos e refletimos a questão da terra e da água como algo que está fora de nós, além de nós, mas que está aí para nós, para nosso benefício e usufruto. Sabemos e afirmamos também que a ameaça e a destruição destes recursos naturais é algo que tem a ver com a ação humana, como poluição, intervenção no fluxo natural das coisas, mas que nem por isso é visto como necessariamente vinculado a nós, com nossos corpos.*

*Teremos que continuar aprendendo. Veremos que é impossível continuar enfocando a terra de maneira isolada. Não dá pra trabalhar a terra sem mexer na água. Não dá pra espelhar a água sem revolver a terra. Não dá pra refletir terra e água sem contemplar nossa história, nossos corpos no conjunto da criação. Não mais poderá haver nenhuma pastoral da terra sem que seja uma pastoral dos corpos, abordando a interdependência de todos os elos da criação, integrando a realidade e as relações de todos os corpos. Nossa formação bíblico-teológica afirma que somos formados da terra e somos, portanto, corpo-terra. A nova consciência e a nova práxis terão que aprender a afirmar que somos corpo terra-água!*

*O desafio está colocado para nós, para toda a Igreja e sociedade de todos os povos e culturas dentro do mundo globalizado. Em 2004, a CNBB está promovendo a Campanha da Fraternidade, com o tema “Fraternidade e Água – Água, Fonte de Vida”. O Conic e o Clai ecumenicamente lançam uma ampla reflexão e discussão sobre ecologia. Todas estas iniciativas – e muitas outras nas diferentes igrejas e organizações independentes – são válidas e louváveis. Elas contribuem no processo de conscientização, alertando que os recursos naturais têm limites, conclamando para a pro-*

teção da biodiversidade e principalmente para o cuidado com as águas. Teremos de aprender, no entanto e conjuntamente, o be-a-bá de ver, entender e viver a interligação de todos os elementos, sem continuar isolando o que não mais pode ser isolado.

Neste caminho, novos paradigmas e novas epistemologias estão sendo experimentados na busca por entender nossas experiências profundamente ancoradas e interdependentes com o ambiente no qual vivemos. É necessário conhecer nosso conhecimento, indagando-o a partir das conseqüências do nosso saber, e não apenas pelo seu sentido. É necessário questionar paradigmas antropocêntricos e androcêntricos, ensaiando passos numa ótica ecocêntrica, holística. Nesse processo, é urgente desmascarar teologias e filosofias patriarcais e dualistas que definem, viabilizam e sustentam processos de dominação e exploração.

Este volume de Estudos Bíblicos é uma contribuição para esta caminhada. Os artigos enfocam a preocupação com a nossa realidade, chamam à reflexão juntamente com a práxis transformadora de consciências e de situações. Eles nos situam historicamente dentro de processos culturais e religiosos, colocam nossas origens múltiplas e tornam visíveis denúncias e anúncios, que hoje podemos entender como ecológicos no amplo sentido de construção e vivência de relações socioambientais.

Ludovico Garmus nos introduz nos estudos com uma interpretação socioecológica de Ez 34,17-22 a partir da realidade da água no Brasil e no mundo, motivando para uma ética da responsabilidade, solidariedade e partilha de bens. Haroldo Reimer, refletindo sobre a situação das águas, corporifica-as na história do povo do antigo Israel, abordando as grandes tradições bíblicas socioreligiosas daquele povo e indicando para a relação entre água, bênção e salvação. William César de Andrade faz uma releitura crítica de Ex 14,15-31, sinalizando que as águas podem significar simultaneamente vida e morte para pessoas e grupos distintos, alertando para a necessidade de diálogo em situações de conflito, tomando como referência a misericórdia de Deus. Osvaldo Luiz Ribeiro esboça algumas pistas hermenêutico-metodológicas para uma releitura de Gn 1,1-3 a partir da cultura e realidade sócio-histórica de povos antigos, acentuando a pertinente ligação entre as “águas” e a “terra” originais. Marcelo Barros nos conta segredos de espiritualidade, reescrevendo histórias do povo de Deus a partir da água dentro das culturas orientais antigas, resgatando a importância do projeto de Deus para os povos. O “interlúdio” de Adélia Prado é uma pausa para arejar a reflexão, é sentar junto aos mananciais de águas cristalinas para transpirar novas posturas ecológicas. Elaine Neuenfeldt elabora aspectos básicos e centrais para um novo paradigma bíblico-teológico ecofeminista, que conecta as águas de fora e as águas de dentro, relendo textos bíblicos de forma integral e integrada às realidades sociocorporais. Ivoni Richter Reimer reflete sobre a sacralidade das águas dentro da dinâmica vital de todos os elementos da criação, abordando textos neotestamentários, a partir do cotidiano, numa perspectiva econômico-salvífica, que implica uma ética ecológica responsável e amorosa.

As resenhas são contribuições de Haroldo Reimer e de Lília Dias Marianno Lima da Cruz. A primeira está intrinsecamente ligada à temática deste volume: O Espírito vem pelas águas, do monge Marcelo Barros. A segunda é mais ampla e pode nos ajudar a melhor entender também as relações ecológicas na formação sociocultural judaica: Judaísmo para o século XXI, do rabino Nilton Bonder e do sociólogo Bernardo Sorj.

Desejamos boa leitura e bom proveito!

Ivoni Richter Reimer